

MINICONTOS

Margarete M. S. Bin

Fala. Alegria
Amizade
Verdade
Sociedade
Solidão
Rotina
COISAS DA
Inheiro
Leitura
Jaudade
Vitor
Idade
Corrupção
Saúde
Relacionam
Desejo
Educação
A



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Reflexão, companhia, tom
hilário e com aquele
gostinho de quero mais,
essa é a ideia de construção
de sentido deste livro.
Deguste cada página, afinal
a obra foi pensada para
você, impossível não se
encontrar nela.

Solte a imaginação, não
respire e leia permitindo-se
interferir nas entrelinhas.
Você faz parte da história,
pense nisso!

MINICONTOS

Margarete M. S. Bin

COISAS DA

V

I

D

A

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2018

Projeto Passo Fundo

Página na internet: **www.projetopassofundo.com.br**

e-mail para contato: **projetopassofundo@gmail.com**

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 04/07/2018

B612c Bin, Margarete M. S.

Coisas da vida [recurso eletrônico] :
minicontos / Margarete M. S. Bin. – Passo Fundo :
Projeto Passo Fundo, 2018.

2,5 MB.; 72 p. ; 18,5 cm.

ISBN 978-85-8326-339-5

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Dedicatória	7
Refúgio	8
Reivindicação	9
Só aceita	10
Nem pensar!	11
Estonteante	12
Imprevisto	13
Caliente	14
Atitude inesperada.....	15
Depende o momento	16
Injustiça do tempo	17
Más notícias, novamente!.....	18
Quem inventou os parentes?	19
Ansiedade	20
Apagar	21
Leitura de mim mesma.....	22
Sem meio termo	23
Outras paragens	24
Sumiço do “eu”	25
Incógnita.....	26
Profissão: confidências	27

Limpendo tudo!.....	28
Plágio descarado.....	29
Que viagem!.....	30
De volta à encrenca.....	31
As velhinhas.....	32
Não há com o que se preocupar.....	33
Dia especial.....	34
Por mais jovens assim.....	35
Desprender ou prender?.....	36
Meus pertences.....	37
Puro açúcar.....	38
Danadinho.....	39
Boatos arditos.....	40
Fique antenado.....	41
É vício.....	42
Pista de corrida.....	43
A boneca desejada.....	44
Homem doente.....	45
Conto moderno.....	46
Mal de família.....	47
Quem conta um conto não dorme.....	48
A vida é uma prisão.....	49
É greve e pronto.....	50
Desconstrução de uma ideia.....	51

Simple assim.....	52
A escolha	53
Meu melhor amigo é um rato	54
Última geração	55
Vai entender.....	56
A fé é tudo	57
Desvendar o mistério.....	58
Duas telas	59
Essa doeu.....	60
Sem rumo	61
Sem noção	62
Marcas	64
A tempestade	65
Em sintonia.....	66
Perdeu a oportunidade.....	67
Boa piada.....	69
Tudo que é demais.....	70
Já banalizou.....	71

Agradecimento

Aos fiéis leitores que acreditam no meu trabalho e nas palavras que registro.

Dedicatória

Aos dois homens extraordinários de minha vida: Lucas (filho) e Flávio (esposo).

Refúgio

Ir para a escola era a melhor coisa do mundo, não por que gostasse das aulas, mas, lá era o refúgio para seus problemas fora dela. Na sala de aula, estava protegida, ninguém iria lhe maltratar, por mais que alguns colegas eram chatos, pelo menos, suportava-os, melhor do que ficar com as pessoas que se julgavam parte de sua vida.

Tinha muitas indagações, como era possível viver naquele ambiente familiar? Porém, não encontrava respostas e não deixava, pois, dividir com os colegas de aula, nem pensar, passariam a tornar esse lugar de estudos, que era a única proteção, o mesmo espaço de medo, sabendo que ainda ali conseguia evitar.

Reivindicação

Quanto mais os anos se aproximavam, mais sentia o perigo, qualquer dia amanheceria sogra, não tinha jeito. Sempre lutou contra isso. Roubariam seu tesouro, assim, sem avisar. Ela que o criara com amor, simplesmente teria que entregá-lo a uma pessoa estranha, que sem esforço nenhum o tomaria dos seus braços. Não haveria luta, não haveria disputa, brigas, nada, nada. Não haveria?

Só aceita

Começou com os olhos embaçados, forçava e não queria enxergar... Não teve outro remédio: usar óculos foi a solução, afinal todos já comentavam “vai chegar aos quarenta e terá que usar os benditos óculos”.

Em seguida, por mais que lutasse, o jeito foi ceder: vieram remédios para hipertensão e coração. Sabia que depois desses nada mais temeria.

Na sequência recorreu a *botox*, fora os cremes que já se encontravam na batalha há muito tempo.

Tornou-se mais irritadiça, aí percebeu que estava ficando mais lenta, por mais que lutasse, não conseguia evitar!

Nem pensar!

Nem pensar em ser vó, caso fosse, queria ser chamada pelo nome. Essa história de vovó para cá e vovó para lá é para velhas de coque, cabelo branco, usando óculos fundo de garrafa e sentadas numa cadeira de balanço lendo para os netinhos. A única coisa que sobra disso tudo é “lendo para os netinhos”, mas numa grama verde, bem verdinha, usando seu modelito *fitness* e arriscando até algumas gírias. Caso contrário, nem pensar!

Estonteante

Chegou, era estonteante! Onde passava, causava. Mas, o desespero que deu. Descobriu que nada era dela. Como assim? Cabelo: *mega hair*. Seios: siliconados. Boca: excessivamente *botox*, quando falava os lábios quase não se moviam. Bombada por anabolizante. Olhos com lente de contato verde. Cinco cirurgias plásticas, causando-lhe bumbum arrebitado, barriga enxuta, rosto de bebê, nariz falsificado e orelhas exatamente no tamanho e posição ideal. Com tudo isso, eis a razão de parecer de outro planeta, era muita beleza numa pessoa só!

Imprevisto

Enfim, chegara o dia. O primeiro emprego de muitos que viriam pela frente. Manhã nublada, pois chovera a noite toda, uma calmaria. Após duas horas, trocou de roupa várias vezes, até escolher peças brancas, sempre lhe disseram que o branco transmitia boas vibrações e isso era o que mais precisava nesta hora. Penteou-se, deslocou-se do banheiro para o quarto, umas vinte vezes. Chegara a hora, colocou o pé direito para fora do apartamento, beijou sua mãe conforme está previsto no regulamento da sorte para o primeiro emprego e dirigiu-se até o destino. Sentia que algo estava para acontecer que mudaria sua vida adolescente para o resto da vida. Ia divagando na imagem que agora envolvia seus pensamentos: uma equipe sorridente e feliz lhe esperando, mesa com flores e uma caneca de café sobre a mesa. Ao dobrar à esquina, na ansiedade de chegar ao local rapidamente, tropeça, esbarra numa poça d'água e o primeiro atraso inaugura-se ali.

Caliente

Não acreditava em amor à primeira vista até avistar Joana. Não precisou muito esforço para perceber que o sentimento era recíproco. Os olhos se encontraram e não demorou para mãos, beijos e carícias comporem uma narrativa que se efetuou na sequência: namoro, casamento e separação. Não quis acreditar no fim, então começou de onde parara: outro amor à primeira vista.

Atitude inesperada

A professora já cansada de pedir para guardarem os celulares todos os dias, resolveu que na próxima aula, mudaria sua atitude.

— Hoje, todos vocês peguem os celulares.

A turma estranhou, acreditaram que a professora tinha bebido.

Ela disse:

— Agora liguem para quem vocês quiserem.

Comportamento estranhíssimo, pensaram os alunos. Ninguém ligou para lugar algum, até porque muitos nem créditos tinham de tanto gastarem desnecessariamente.

Ela então, percebendo que ninguém seguia suas recomendações, disse:

— Acessem o celular para jogos, redes sociais.

Novamente todos ficaram perplexos. A professora pirou de vez. A aula voltou a dita normalidade.

Depende o momento

Definitivamente aquele não era o seu dia. Contas e mais contas para pagar. Frio de lascar. Muitos problemas a resolver no trabalho. O carro resolveu contribuir parando de funcionar. Quebrara o salto durante o almoço e agora mancava pelo corredor atraindo o riso por onde passava. Danem-se, pensava. No final, já atrasada, partiu para a consulta com o Dr. Florisberto. Logo foi atendida, pois era a última paciente da tarde e o Dr. também queria acabar logo com isso e ir para casa.

— Dona Eduarda, o que tenho a lhe dizer não é nada agradável.

— Vá fundo Dr., essa deve ser a vigésima notícia desagradável de hoje e o dia nem terminou ainda.

O seu pulmão está comprometido, não é de hoje que tenho lhe pedido para parar de fumar e levar um a vida mais saudável e tranquila.

A notícia pareceu tão sem importância naquele momento, fosse em um dia menos conturbado talvez soasse diferente. Como as informações recebidas em determinadas situações têm o tom de amenizar-se ou aprofundar-se, tudo depende das circunstâncias.

Saiu de lá, arrastando seu pé, nem lembrava mais do salto quebrado. Foi até a esquina, precisava respirar o ar puro, puxou um cigarro da bolsa, contemplando um casal de jovens que corria na praça.

Injustiça do tempo

Respirou e olhou novamente para ver se não tinha se equivocado. Não, era ela mesma. Meu Deus, como o tempo havia sido ingrato para sua amiga de infância. Há muito tempo não via ninguém de sua cidade. Agora estava ali diante dela aquela criatura. Engordara, bem mais velha, até a voz parece que sofreu transformações. Inacreditável o que o tempo faz com as pessoas. Não desejou procurar mais ninguém de outrora depois daquele dia, teve medo de vê-los, teve medo de que a vissem.

Más notícias, novamente!

Não aguentava mais as notícias que ouvia. Era um bombardeio de todos os lados: televisão, rádio, jornal impresso, pessoas comentando. O motivo: corrupção. Ela impregnava todos os ambientes. Não se escapava ninguém. Pensou em morar em outro país, pelo menos lá as notícias seriam outras.

Quem inventou os parentes?

Deus, chateado com a traição de Adão e Eva, pensou em algo que a humanidade não esquecesse da proporção do erro cometido. Em razão disso começou a elaborar a punição. Veneno, não, pois Deus é do bem. Extermínio, também não, pelo menos não naquele momento partir para algo tão forte, porque o povo precisava era de uma lição. Pensou, pensou e surgiu a ideia: Parentes, sim estes vão ter de conviver e aprender as diferenças.

Conviver? Vem cá Deus, o veneno acabou?

Ansiedade

Cada frase digitada, um alimento era inserido em sua boca. Perdeu-se na contagem de quanto comeria, perdeu-se na contagem de tudo que comeria, mas terminou a atividade.

Apagar

Queria dormir, dormir, dormir.... Não para aquele sono atrasado, nem tão pouco para sonhar o que desejava, mas para sentir-se leve e distante, só isso!

Leitura de mim mesma

Quanto mais lia, mais queria ler. Já fora levada a vários médicos, curandeiros, benzedeiros e outros tantos. Estava viciada e pronto. Fosse olhá-la atentamente, transformara-se em uma espécie de livro ambulante, por dentro e por fora.

Sem meio termo

Queria aprender a andar de patins, mas não saía do chão, era cada tombo que levava. O equilíbrio nunca foi seu forte. Gostava de assistir aos espetáculos, parecia tão fácil deslizar. Era preciso persistência talvez, com o tempo pegaria o jeito e quem sabe seria também admirada em shows. Mas quanto tempo levaria? Tinha pressa, agora que começou era preciso aprender rápido ou desistiria. Ou tudo ou nada, era assim que desejava, era assim a sua vida.

Outras paragens

A velhinha, tão sozinha, recebeu de presente da filha um lindo passarinho. No começo, ela empertigou-se, pois, o bichinho lhe trazia de volta os ruídos, já não estava acostumada a eles. Com o passar do tempo foi se apegando e acostumou-se com o cantar da ave, com a presença constante. Certo dia, ao colocar a gaiola ao sol, pendurado na área fora da porta, a gaiola caiu, pois ventava forte. A vovozinha, desesperada, gritava: meu passarinho sumiu, meu passarinho fugiu. Ele, aproveitou a oportunidade da queda da gaiola, que provocou a abertura da portinha da prisão, não pensou duas vezes, bateu suas asinhas para bem longe, para a sinfonia perdida.

Sumiço do “eu”

Malhava todos os dias desesperadamente e ao término mirava-se ao espelho para a resposta. A tentativa era de que a madrasta do conto de fadas lhe respondesse pelo espelho: És a mais magra de todas as criaturas da terra! Mas o espelho nada lhe respondia. Aumentava a dose de exercícios e repetia a atitude em frente ao espelho. Um dia desapareceu sua imagem, no outro dia, desapareceu o espelho.

Incógnita

Era uma chuva de decepções. A cada ano aumentava o rol em sua lista. Até o final de sua vida, quem sobraria?

Profissão: confidências

Sabia tanto aquela manicure. Cada unha esculpida, era uma obra de arte que era exposta no arquivo do seu celular para as apreciadoras que desejassem adquirir o trabalho em sua casa, ou melhor, em sua unha. Entre uma etapa e outra do processo de decoração, muitas histórias eram ouvidas. Enquanto os tons iam se delineando, o pincel fechava as irregularidades, da unha. De tanto ouvir, as horas passavam mais rápido, mas a cliente não se importava com o tempo, até gostava. Assim, a tarefa da manicure aumentava cada vez mais. À noite, encostava a cabeça no sofá, não queria pensar em nada, embora gostasse do que fazia, as mãos doessem, não entedia por que a cabeça é que parecia ter trabalhado mais.

Limpendo tudo!

Todas da cidade a consideravam um ser de outro planeta, só poderia ser isso, pois alguém gostar de faxina, não era normal. Elas não a entendiam, por que ela não tinha vocação para o ato, mas no momento de obsessão, conseguia limpar todas as impurezas que estavam impregnadas também em sua alma, era o instante só dela. Esfregava com gosto as calçadas, limpava o chão até brilhar. Nenhum pó ousaria arriscar voar pelos móveis, pelo menos não tentaria enquanto ela estivesse ali agindo. Há, como era bom trocar a água do balde, a cada renovada, uma enxurrada de tristezas ia embora, que alívio. Tão bom faxinar, elas não sabem de nada, inocentes!

Plágio descarado

Passou a vida toda sendo copiada. Dela tentavam imitar suas atitudes, sua fala, os bens que adquiriria e até sua cor preferida. A maioria plagiava, utilizando como autoria própria o que fora somente dela. Por mais que desviasse, sempre aparecia um copião. Claro que nem tudo conseguiam copiar, pois não tinham habilidade em ser seu clone, o que a tranquilizava em parte. Às vezes sentia-se lisonjeada por isso, outras vezes, repulsa por não terem criatividade de criar seus próprios estilos. Seguiu a vida, tendo que conviver rodeada deles. No seu leito de morte, sentiu a solidão, ali, naquele jazido, se encontrava enfim só!

Que viagem!

Nunca havia viajado de avião antes, não era o fim do mundo, mas também não estava entre suas preferências. Sorte a dela, foi ter a amiga lhe acompanhando naquele momento sublime. Não precisou esconder nada do que sentia durante os momentos fulminantes do voo. Aliás, exagerou na dose do desespero, deixou a amiga constrangida com o pavor demonstrado em sua face, em suas mãos, em suas atitudes.

De volta à encrenca

O taxista com o rádio no volume máximo, escutava as notícias sobre corrupção, viajava nas palavras do locutor, parece que mergulhava profundo naquelas notícias, era cada solavanco, queria colocar toda a sua fúria no volante. Ora acelerava, parecia na maior pressa, ora colocava o pé no freio na impressão de que iria parar o carro a qualquer momento. Por um instante, suspirou alto e mexeu a cabeça para um lado e outro.

Estive 20 anos fora deste país e continua o mesmo, ninguém se importando com o outro, pensei e quase disse a ele.

Chegado ao destino, efetuei o pagamento e o motorista disse: Aqui é o Brasil moça, bem-vinda a toda essa bagunça!

As velhinhas

Duas velhinhas passeavam pela rua despreocupadas, por incrível que pareça uma era a mãe e a outra era a filha. Não eram gordas, mas eram fofinhas, faziam uma corrente pelo passeio, de forma que ninguém conseguia passá-las e assim tive que ficar atrás delas andando em câmera lenta. Incrível, pensei, quando chegar na velhice será que vou ser assim também?

Falavam sobre banalidades e usavam celular, isca fácil para ladrões, naquela calmaria os meliantes não precisariam nem correr, bastaria acelerar o passo que se distanciariam das garotas com facilidade!

Embora atrapalhassem meu percurso, simpatizei com as mocinhas, fiquei observando-as sumirem ao atravessar a rua de mãos dadas, duas menininhas se protegendo numa cidade grande!

Não há com o que se preocupar

Da janela do meu quarto do apartamento vejo funcionários trabalhando em um prédio em construção. Como conseguem ficar no alto sem proteção alguma e não cair? Na cintura não há nada os prendendo, apenas o capacete na cabeça. Estão colando na parede do prédio propaganda para a venda de apartamentos e estão focados nisso. Não me conformo, desço e falo para a porteira do prédio a minha preocupação, mas ela não se mostra solidária com meus pensamentos, está mais preocupada em separar os envelopes que serão colocados nas caixas de correspondências. Recuo da minha inquietação e concluo: realmente, cada um na sua caixinha!

Dia especial

Amanda amanheceu feliz, era seu aniversário. Arrumou-se, o dia estava lindo! Sabia que receberia muitas mensagens nas redes sociais, vários telefonemas e poucos abraços, pois não faria festa.

— Nunca encontrei alguém que não goste do dia do seu aniversário. Comentou com sua mãe.

— É, aniversário é um dia para se comemorar, embora esteja passando cada vez mais rápido. Disse a mãe.

— Mãe, você sente saudades de ter a minha idade?

— Claro, filha, mas a idade em que estou, cheguei graças a forma como vivi cada idade, procurei não pensar em envelhecer e sim em dar qualidade aos momentos presentes e cá estou. Posso sentir uma dor aqui, outra acolá, mas fui feliz em cada fase da vida, soube aproveitar as adversidades para me fortalecer e hoje comemorar alegremente com você os seus 80 anos, filha!

Por mais jovens assim

O garoto era inteligente, nunca deu trabalho para os pais. Ia bem em todas as disciplinas, fato raro, pois geralmente quem é bom em português não é em matemática e vice-versa.

Em razão de transferências de trabalho dos pais, mudou de escola várias vezes e em todas elas se destacava. Sempre foi uma chuva de elogios na entrega de boletins.

— De onde tanta inteligência? A mãe questionava-se.

Os pais do garoto sempre foram bons na escola, esforçados, mas não tanto quanto o filho. Talvez o leite materno que o garoto tomou até quase um ano de idade. Quem sabe a forma como fora motivado na infância, ouvindo músicas, escutando histórias, pintando e escrevendo desde muito cedo. Ou, as brincadeiras no chão que os pais faziam, criativamente, levando a criança a aprender brincando.

Valeu a pena ter despendido tempo educando o menino, orientando-o, amando-o. Na adolescência não bebia, não fumava e não sentia necessidade de ir para festas ver seus colegas menores de idade caírem de bêbados. Se isso era diversão para eles, que fossem felizes.

Garoto cabeça-feita desejava ser bem-sucedido. O futuro será com ele, o orgulho continuará sendo dos pais!

Desprender ou prender?

Já havia ouvido todos os conselhos possíveis, simulara a situação várias vezes antes de dormir, mas não imaginara que seria tão difícil. Que dor, corroía por dentro. Para quem olhasse de fora, parecia tão simples, no entanto, para ela, era uma espécie de tortura. Não se conformava. Nem choro adiantava mais, acabou a lágrima!

Aliás acabou tudo, era o fim de grande parte de sua vida, um pedaço dela encontrava-se demolido neste instante. Restava, tornar-se indiferente a tudo e a todos. Estava vivendo uma tragédia em sua vida: seu único filho, adolescente, passou no vestibular e foi morar em outra cidade para estudar. Nada mais foi dito por ela.

Meus pertences

Quanta bagagem carrega aquela moça para dentro do avião. Será que irá utilizar tudo isso?

— Apenas bobagens, comentam alguns.

— Safada, só quer tomar o espaço que não lhe cabe, dizem outros.

Sofre para erguer a mala, mais a mochila e a coberta. Deixa uma sacola pequena para colocar nos pés e o travesseiro vai para o colo. Foi generosa.

Quer descansar, impossível, despenca lá de cima a mochila, quase cai na cabeça do rapaz que passa pelo corredor para localizar o seu número de poltrona. Seu olhar transmite a fúria.

Ela sorri e nem pede desculpas. Volta a sentar-se, acomoda-se no banco e vira de lado. A aeromoça passa e pede que se coloque em posição vertical, o avião já vai decolar.

Agora se chateia, precisará pegar a mochila para tomar seu calmante, mas quando lembra onde ela está...

Puro açúcar

A garota não queria nada para comer dentre as várias opções que a mãe lhe oferecia.

Ela já estava perdendo a paciência com a menina, pensando em deixá-la de jejum. Então, como última alternativa, de forma sarcástica, ofereceu-lhe açúcar numa tigela.

A garota piscou com seus lindos e longos cílios e aceitou a oferta.

A mãe irritou-se ainda mais:

— Francamente, ofereci a você, coisas que eu não nunca tive para comer na infância e você escolhe açúcar? Qual é o seu problema?

A jovenzinha responde:

— Eu nunca comi açúcar!

Danadinho

Crianças brincando na pracinha. Doces, meigas e delicadas. Opa, essas expressões não cabem aqui. Pelo menos não para todos os participantes.

O garotinho, de aproximadamente 4 anos de idade, joga areia na avó. Ela o segura pelo braço e quando solta, o menino atira mais areia ainda.

Achou bonito escapar da vó. Ela corre dentro das possibilidades e quando chega perto, zás, mais areia impregnam seus cabelos, seu vestido, sua alma!

Boatos ardilosos

O prédio era erguido cada vez mais alto. A intenção era chegar próximo ao céu. Aliás, um fato curioso era que não havia elevador e sim uma bela rampa disponível nos corredores da construção.

Muitos especulavam se dali não sairia algo inédito como uma escada rolante, seria a primeira em um prédio de moradia.

A notícia se propagou, a venda superou as expectativas. O fato não se concretizou e Joana mora no 25º andar, agora.

Fique antenado

Elas são muitas, um batalhão. Correm ligeiro e não estão ligando se as pessoas gostam ou não de sua presença. Aparentemente, insignificantes, mas sua vinda irrita qualquer morador.

Destemidas, não medem esforços para subirem ou descerem nos móveis e ainda por cima, são unidas.

Bastou colocar algo atrativo sobre a mesa, que elas, usando suas antenas, farejam rapidamente.

É impossível não as avistar, pois há grandes quantidades dessas formiguinhas. Quase não dá para chamá-las assim, pois esse diminutivo exprime afeto, com isso vão se achar membros da família.

O prédio já foi dedetizado por fora, mas por dentro, elas estão mais fortes do que nunca. Representam bem a sua categoria, mata-se uma e parece que aumenta ainda mais a espécie. Vai entender...

É, ao que tudo indica vão dominar o mundo, quem diria tão pequenininhas!

É vício

Não fazia outra coisa, bastava a mãe sair para o trabalho, que a garota acessava as redes sociais e de lá só saía para ir no banheiro e quando a mãe retornava do trabalho para o almoço. Ficava por dentro de todas as fofocas, horóscopo, moda, receitas e previsão do tempo. Nada disso ela usaria, não havia para quem esparramar as notícias que colhia, pois, seu mundo era na cadeira, tela e mesa. Horóscopo, para quê? Não necessitava previsão de astrólogo para saber como seria o seu dia, isso já era previsível. A moda dela, era a mesma todos os dias, pijama até o almoço e depois dele uma roupa leve, que mais parecia vinda da guerra. Quanto as receitas, de nada adiantava saber vários pratos, o que ela e a mãe degustavam no almoço, era comida descongelada e no jantar a sobra desta. E do tempo, ela tinha uma certeza: fazendo chuva ou sol, estaria ali, em frente à tela dia após dia.

Pista de corrida

Está indo aonde motorista? Já ultrapassou vários carros, passou no sinal vermelho, ignorou a faixa de segurança e estacionou na contramão. Agora saiu de onde havia estacionado, sem ligar o pisca (este foi feito para que, então?) e nem olhou se vinha carros atrás dele, considera-se o dono da estrada.

É preciso compreensão, talvez ele tenha pressa, pois atendeu o telefone enquanto dirigia, devia ser muito importante, inclusive custando a sua própria vida (entende o “sua” proposital aqui).

Faltou estar bêbado, nos demais quesitos para a prova de péssimo motorista, passou em todos, inacreditável!

A boneca desejada

Queria tanto uma boneca de cabelo. Última tentativa, agora com treze anos. Pediu para o pai que lhe desse a dita boneca que nunca teve. O pai comprou-lhe uma linda boneca, sem cabelo.

Resultado: cresceu e adquiriu sua própria boneca, com cabelo, muito cabelo, movimentos corporais, chora, grita, esperneia e não deixa cortar o cabelo.

Homem doente

Ele mesmo organizara seu funeral. Todos estavam espantados com sua atitude. Na sequência, não deixou por menos, pensou no testamento. As pessoas não se conformavam com seu ato. Ainda, faltava deixar as contas em dia, providenciou para que alguém o fizesse já que estava impossibilitado. Tudo encaminhado. Passou seu resfriado.

Conto moderno

Branca de neve esperava algo mais do que uma simples maçãzinha, pobre menina, para completar descobriu que a fruta hoje está sem gosto, sem graça. Melhor era dormir 100 anos e esperar por algo mais gostoso. Sem perceber, roubou um trecho da bela adormecida!

Mal de família

Vivia dizendo ao marido que a mãe dela estava com memória de curto prazo. Da última vez que ela e a mãe conversaram, esta invocou todos os nomes das outras irmãs até acertar o nome dela. Não bastasse isso, a mãe comentou com a filha que no outro dia seria sexta-feira santa, um dia pacato, não gostava desse dia e foram tentando discorrer sobre outros assuntos. Enquanto isso, a filha nem conseguia prestar atenção direito na conversa, pois procurava o celular pela casa enquanto falava com a mãe e não tinha jeito de encontrá-lo.

No final da conversa, a filha diz que voltará a ligar no final de semana. A mãe complementa: Na outra semana, temos Páscoa. A filha então indaga:

— Mãe, a Páscoa é neste final de semana!

A mãe fica espantada que já será agora, como se fosse uma novidade.

A filha, impaciente, desliga o telefone e encontra o celular, fica admirando-o em sua mão.

Quem conta um conto não dorme

À noite, ela lia ao menino, até sua língua, durante à leitura, demonstrar o cansaço. Começava a falar palavras entrecortadas, caindo de sono. Mas o menino firme, queria saber da história que a mãe começara. Estava empolgado, não poderia parar agora, precisava saber o que aconteceu com o personagem. A mãe, então voltava ao seu estado de lucidez e começava a contar a história, envolvendo o filho como personagem. Ele, por sua vez, ao perceber que estava na história, sorria e complementava, antecipava os fatos. A noite seria longa, não para dormir, mas para interagir. Dane-se o sono.

A vida é uma prisão

Janelas com grade, carro blindado, segurança na empresa, celular com senha, barulho até às 22h. 22?

No prédio de Ana às 17h se respirar, o síndico está na porta e se usar a furadeira é um agravante, o indivíduo é eletrocutado.

Câmeras nas lojas, nas ruas, no corpo. Drogas instigantes, relacionamentos sufocantes, pais egocêntricos.

Horário para entrar e para sair. Leis obrigatórias, não satisfatórias. Até quando?

É greve e pronto

Colocou o sapatinho na janela, Papai Noel não deixou nada. Sentiu-se péssima, nunca devia ter comido escondido o bolo de sua irmã, que estava na geladeira. Agora deu nisso, Papai Noel a ignorou. A mãe, percebendo o estado de desânimo da filha, indagou sobre o ocorrido.

Há, era esse o motivo de sua tristeza. Poderia aliviar-se, a mãe explicou que Papai Noel estava de greve.

Nunca imaginaria que Papai Noel pudesse reivindicar alguma coisa, ele não era o chefe do pedaço? Vai ver cansou das atribuições ou não sabia delegar as funções.

O fato é que se não voltasse da tal de greve, a garota teria um natal péssimo. Decidiu que também entraria de greve. Enquanto Papai Noel não voltasse ao trabalho, ela também não faria suas contribuições na arrumação da casa, estava decidido!

Na manhã seguinte, ao levantar-se, encontrou chocolate no seu chinelo ao pé da cama, balas no calçado separado para ir à escola, bombons nas suas meias. Foi aí que entendeu a importância de uma greve.

Desconstrução de uma ideia

O pai de Júlia vai se casar novamente e pretende levar a noiva no próximo sábado à noite para conhecer a filha. A adolescente não está nada, nada satisfeita com o fato de ter uma madrasta.

Imaginou-se esfregando o chão ajoelhada e não podendo ir aos bailes.

Decide afugentar a noiva do pai. Pensa em um cenário de terror a ser apresentado: uma pia cheia de louça, casa imunda e comida ruim a ser oferecida à visita, mas não consegue colocar o plano em ação.

Chega a tão esperada data (não sei para quem) e o pai adentra a sala com sua amada.

A menina está de cara amarrada, mas fica encantada com a beleza e formosura da mulher.

A primeira coisa que a suposta malvada faz é entregar-lhe uma linda embalagem com doces. Ela é meiga, carinhosa, um encanto.

Não pode ser possível, ela fugiu aos padrões, desconcertou tudo que corresponde ao perfil maligno da função de uma madrasta.

Ela deve ser uma espécie de feiticeira, só pode, que encantou a menina.

A futura enteada tenta encontrar defeitos, mas não consegue e isso a deixa transtornada.

Noite tranquila, difícil entender o ser humano.

Simple assim

Não gostava de dia de chuva, mas também não gostava de dia de sol, de doce queria distância, o salgado não lhe fazia bem. A parte da manhã passava ligeiro, não tinha tempo para nada, na parte da tarde tudo era monótono, o horário não passava.

Se lhe davam presente, não lhe agradavam na escolha, quando não davam, injuriava-se.

Comer torrava-lhe a paciência, demorava demais mastigar, beber não tinha graça.

Salto alto doía-lhe os pés, salto baixo doía também.

Viajar de avião tinha medo, viajar de trem tinha enjoo, viajar de ônibus tinha distância.

Ficar no quarto era um tédio, na sala sufocava demais.

Ficar sozinha a deprimia, ficar com pessoas causava-lhe vertigem.

Gostava mesmo, era de não gostar!

A escolha

Já mudara cinco vezes a opção pelo curso a ser escolhido no vestibular. Primeiramente, estava convicta que seria médica. Não demorou muito e decidiu fazer Direito. Começou até a assistir audiência.

Encantou-se com o conteúdo de uma aula de história, agora queria ser professora. As falas contras foram muitas. Direccionou-se então para a área Administrativa, seria administradora e ponto final. Porém, conheceu as maravilhas da arquitetura e dela não quis largar.

Estava no 3º ano do Ensino Médio, mês de setembro, se continuasse nesse pique não sobraria mais profissões para optar até o final do ano.

Decidiu concluir o ensino médio, foi aplaudida pelos familiares. Esperaria surgir uma nova profissão, afinal inventam tantas coisas, porque não poderiam criar algo inédito só para ela, que estava um pouco indecisa...

Meu melhor amigo é um rato

Acostumou-se a levantar todos os dias e falar com o ratinho que se encontrava atrás do balcão da pia. Ao mesmo tempo que sentia medo, entendia que ele era solitário, assim como ela.

Às vezes irritava-se com o bichano, tendo vontade de colocar a ratoeira e acabar logo com aquela história, mas ele mostrava-se tão inofensivo, tornando mais difícil a despedida.

Quando sentia vontade, contava-lhe algumas coisas, como por exemplo, a visita que recebera da vizinha, o qual teve a audácia de vir pedir-lhe dinheiro emprestado, sendo que já estava lhe devendo. Ela por acaso mantinha uma casa de empréstimo? Colocou a outra velha para correr, já não tinha mais idade para fingir cordialidade, tornou-se seletiva.

Mas, bastou olhar para o rato, que ficou comovida pela solidariedade do mesmo, não precisava falar nada, só a ouvir já era suficiente.

Última geração

A criaturinha não havia completado um ano ainda e possuía uma habilidade incrível em manusear o seu *tablet*. “Tão pequena e tão sábia”, diziam.

Só almoçava se ligassem o aparelho, quando saíam jantar entre amigos, o uso do equipamento era obrigatório, caso os pais quisessem conversar com os amigos. Apertava euforicamente as teclas, muitas vezes brigava sozinha com o jogo, irritando-se e esmagando a chupeta entre os dentes. Dormir sem o barulhinho do eletrônico, nem pensar. Para acordar, nada melhor que um desenho na tela para sua mamada.

Mais um dia tecnológico pela frente, ao sabor de uma grande chupeta na boca, toda mordida, desgastada pelos poucos meses de vida.

Vai entender

Todos na mesma sintonia, cada um para um lado, celulares na mão, fones de ouvido, risadas individuais, falas aleatórias consigo mesmo, chiclete na boca.

Terminou o intervalo, sentem dificuldade de parar a interação. Vão para a sala de aula, querem conversar com os colegas, agora.

A fé é tudo

Fez o pedido, assoprou as velhinhas, sumiram os convidados da festa!

Desvendar o mistério

Já estava se tornando rotina apertar o botão do elevador para descer e ele demorar demais, pois parava em todos os andares. Quando chegava na garagem ou no térreo, não havia ninguém dentro.

Belo mistério a ser desvendado. O que estaria acontecendo? Os moradores de cada andar mudavam de ideia quando chegavam na porta do elevador? Resolviam ir pelas escadas por desejarem ser *fitness*? O elevador estava com defeito só para descer?

Certo dia, o mistério foi desvendado, os indícios da secretária da limpeza foram grandes. Ela, sabendo que seria demitida, subia com seu carrinho da limpeza para efetuar o seu trabalho e dava trabalho aos outros.

Queria sacanear, principalmente quando chegava nos últimos andares, além de segurar o elevador, apertava em todos os botões para descer.

Quando alguém a encontrava depois de executar o ato, seu rosto resplandecia de felicidade. Zombava descaradamente de quem a olhasse. O resto do corpo poderia disfarçar, mas o olhar, ah, este incrimina, não tem jeito!

Duas telas

Filha e amiga:

— Miga, sua loka, kd vc?

— Aew amigueenha

— Hj tah xatuuu

— S

— Qr jg?

— Ñ

— Bla

— Flw

— T+

Mãe e amiga:

— Oi Irene, tudo bem?

— Tudo, amiga, só um pouco cansada.

— Que tal um passeio pelo parque, podemos caminhar, comer alguma coisa e bater um papo ao ar livre, topa?

— Com certeza, afinal, estava aqui sem fazer nada mesmo. Vai ser bom me distrair um pouco e não ficar pensando em trabalho.

— Ótimo. Que horas fica bom para você? Pode ser logo?

— Sim, daqui uns 20 minutos, dá tempo de me arrumar um pouco.

— Então, estou saindo, agiliza, garota.

— Perfeito, abração.

Essa doeu

Logo percebeu que não adiantaria ficar perdendo tempo com aquele garoto novo da escola. Era um desorientado, sem sal. Andava com uns malucos, debochava das meninas que passavam, mas era lindo de morrer!

Ridículo, não fosse a pele, as roupas que vestia e aquele andar. Ah, aquele andar provocante. Mas nada disso importava, seu foco agora, era estudar, deixa esse, esse garoto lindo, fofo e tentador de lado.

Foi almoçar mais cedo, não é que o moleque senta na mesa à sua frente?

Qualquer colega, daria tudo, para estar no seu lugar. Ela não poderia desperdiçar o momento.

Derrubar os livros no chão? Nem pensar, essa é velha, tática que sua mãe já usava.

— Há, quer saber, dane-se, vou ignorá-lo.

Nisso, percebe que o menino não para de encará-la.

Não resistiu à tentação de uma mulher difícil, pensa a menina com seus botões.

Resolve dar uma chance e retribuir o olhar. Ele então, diz:

— Menina, há uma casquinha de feijão no seu dente.

Sem rumo

Mochila nas costas, saiu a pé sem destino. Destemido, queria adrenalina. Não aguentava mais sua vida pacata de piloto de avião de guerra.

Sem noção

Gostavam de visita, mas Suzanita era daquelas que vinha para ficar longos dias. Já sabendo do comportamento da prima, a esposa comenta com o marido que desta vez deveriam dificultar as coisas, para tornar a passagem por ali mais rápida.

Na primeira noite, a colocaram em um colchão de ar murcho, na sala, alegando que não havia camas nos outros quartos.

Ficaram ansiosos pelo amanhecer. A prima, acordou disposta e disse:

— Como fez bem para mim aquele colchão, penso em adquirir um assim, bem melhor para minha coluna do que a cama.

Na outra noite disponibilizaram o quarto sem ar condicionado, em plena noite de verão.

A expectativa era grande pela sua despedida no dia seguinte. A prima, então, surpreendeu o casal:

— Nossa, fazia tempo que eu não dormia de janela aberta, sentindo o ar puro e contemplando as estrelas, foi ótimo!

Marido e mulher, sem saber o que fazer, partiram para a cartada final:

— Vamos inventar que uma tia sua faleceu e teremos que sair às pressas hoje e voltaremos só daqui um mês-diz a esposa.

E assim fizeram.

Na bela manhã ensolarada, incorporaram a cena e obtiveram o retorno:

— Lamento o ocorrido e já entendi tudo.

Os dois ficaram eufóricos, finalmente a moça havia compreendido a mensagem.

— Não se preocupem, não será trabalho nenhum cuidar da casa para vocês enquanto estiverem ausentes. Ao contrário, será um prazer. Espero que consigam um pouso maravilhoso quanto eu consegui e com pessoas tão agradáveis. Ficarei bem, podem partir despreocupados...

Marcas

Tirou suavemente o sapato, despiu-se das meias, arrancou a saia, foi cautelosa ao tirar a blusa. Porém, não teve coragem de soltar o sutiã, ainda eram recentes as cicatrizes. Foi preferível pensar que ainda se escondiam debaixo do tecido os belos seios fartos, firmes, feridos e agora ausentes.

A tempestade

Raios, trovões, chuva torrencial parecia tomar conta da cidade. Não demorou muito e ficou alagada. Também, não há por onde escoar a água. Nesse período, precisaria de botes, não de carros. Muitos veículos ousam passar em alta velocidade pelo alagamento e jogam a água por todos os lados.

Ana, que não tem nem bote nem carro, tenta atravessar na faixa de segurança. Os motoristas ignoram a faixa, ignoram Ana. Ela já está molhada, pois ter guarda-chuva e não o ter dá no mesmo, diante da potência avassaladora da chuva.

Teme ter de ficar ali até anoitecer, já que os automóveis não dão trégua. Ela que se arrumou toda para o trabalho, agora, cumprido o expediente, final de tarde, estava mais para personagem de filme de terror: um espanto.

Sente-se humilhada por ter de se deslocar a pé. Nunca sobrou um tostão para um carrinho. O que ganhava, cobria suas despesas básicas, a do filho que gerara sem pai e para a pobre mãe, que mal recebia a mísera aposentadoria. Cansada, à noite, ainda tinha que se ocupar dos afazeres domésticos, pois a mãe não conseguia mais exercê-los e o filho tinha apenas 7 anos.

De repente, se deu conta de que a tempestade realmente a invadira, estava impregnada, difícil passar por ela sem ficar encharcada, difícil.

Em sintonia

Não foi preciso dizer nada, a troca de olhares entre as duas era o suficiente. Aliás, as duas amigas tinham esse poder, estavam conectadas desde a infância. Não precisavam concordar em tudo, mas respeitavam-se, admiravam-se e uma defendia a outra.

Se era para rir, a parceria era grande, risadas vibrantes, altas gargalhadas. Talvez se fossem irmãs, não teriam tanta cumplicidade.

Quando uma estava triste, a outra tinha a missão de encontrar meios para alegrar, era sagrado.

Quis o destino, que as duas se apaixonassem pelo mesmo rapaz. No começo, brincaram com o ocorrido, depois só uma conquistou o coração do moço. As duas começaram a se evitar. Quando se encontravam, pareciam apenas conhecidas: Olá! Como vai? Tudo bem?

No casamento da amiga, a outra resolveu viajar, foi para longe, nunca mais voltaria aquele lugar. Agora, sua maior parceira, era ela própria, somente a ela, seria eternamente fiel, esta jamais a trairia, nem precisaria dividir nada com ela. Adorou encontrar-se.

Perdeu a oportunidade

Sábado pela manhã, a mãe está de folga, pede à filha:

— Leticia, vá arrumar o quarto.

— Estou indo mãe (permanece imóvel com o celular na mão).

A mãe, anda de um lado a outro ajeitando a casa.

— Filha, estende as roupas que a máquina de lavar já terminou seu funcionamento final.

— Já vou, mãe (continua deitada no sofá, vendo o celular).

— A mãe vai para a cozinha, começa a preparar o almoço e chama:

— Leticia, venha me ajudar a picar os tomates.

— Sim, mãe (agora, vira os olhos para cima, irritada pelas chamadas da mãe, ignorando as solicitações feitas).

A mãe atende o interfone, o motoboy diz ter uma encomenda para Leticia Souza. A mãe desce pelo elevador e recebe a mercadoria, já sabe que a filha não mexerá um palmo para buscá-la.

A mãe chama a garota para o almoço, depois de umas cinco tentativas, a garota aparece para almoçar, arrastando-se. Começa se dar conta que tem vida, visualiza a caixa na mesa e pergunta o que é, a mãe diz:

— Não sei, é para você.

A garota, ansiosa, abre o pacote e encontra um convite dizendo:

Querida Letícia, sempre tive admiração por você e nunca consegui ter coragem de dizer, por isso queria pedi-la em namoro. Assim, espero você hoje para almoçar no Restaurante Imperial, caso não vier até às 12h entenderei sua recusa como um NÃO. Ssegue um mimo. Ass. Paulo.

— Não acredito. Disse Letícia.

— O garoto da minha vida e a senhora não me chama? Olho o que ele me deu: uma pulseira com uma pedrinha e as iniciais L e P.

— E agora, o que faço? Diz a menina.

— Agora, coma o que fiz de almoço e depois vá lá para o sofá, curtir o seu programa favorito. Aliás, com tanta tecnologia, por que o menino resolveu dar uma de galante à moda antiga? Não seria mais fácil ter enviado uma mensagem no WhatsApp? Vai entender essa juventude, o mais é menos...

Boa piada

Um político foi julgado, massacrado e preso. Agora uma parte do povo respira, aliviada. Acabou a corrupção! Acabou a corrupção?

Tudo que é demais

Fazia musculação todos os dias desmedidamente. Seus músculos cresceram? Seus olhos cresceram? Sua imaginação cresceu? Seu sucesso cresceu? Seu apetite cresceu?

Desesperou-se e resolveu tentar a dieta. Vieram outras perguntas, retornou à musculação. Sentiu-se num labirinto e nele várias passagens, diferentes perguntas.

Resolveu conciliar os dois exageradamente, foi aí que sumiu. Há quem diga que está entre nós, mas não o vemos. Vai saber...

Já banalizou

Cinco horas da manhã, ônibus lotado, não cabia nem mais uma mosca, eis que surge o vilão para dar uma descontraída no ambiente. Sozinho, sem sócio na jogada, o ladrão pede que ergam as mãos para cima. Engraçadinho, como se os que tivessem em pé já não estivessem nessa posição. Na sequência passou recolhendo tudo o que conseguia. Muito ágil o rapaz na sua profissão. A sacola que havia em sua mão ficou lotada. Até o motorista teve de contribuir, foi-se os trocados que recebera dos passageiros mais o simples relógio do pulso. Nada ali era novidade. Ninguém ficou machucado, tudo transcorreu tranquilamente, o bandido desceu. Retornou-se à normalidade. Outro ponto, subiram e desceram pessoas.

Para muitos, a atividade começa cedo.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



**Margarete Maria
Soares Bin,**

Doutoranda em Formação
do Leitor pela UPF de Passo
Fundo-RS, Professora
Universitária, cronista e
contista.

Atualmente reside em
Dourados-MS.

Autora do livro de crônicas
“LoucaMENTE ousada”,
agora publica este livro de
minicontos destinado a
todos aqueles que
permitirem se inquietar com
as coisas da vida.

Coisas da vida é um livro de minicontos que se atreve a descrever circunstâncias rápidas, corriqueiras e instigantes, fazendo do ato de ler, uma atividade também do seu dia a dia.

Não é necessário que você tenha uma sequência de leitura, é permitido ler aleatoriamente, porém, não deixe de ler nenhum dos textos.

Entregue-se ao momento, ele é todo seu.

Espero que se apaixone pelos minicontos.

Excelente leitura!



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

ISBN 978-858326339-5



9

788583

263395